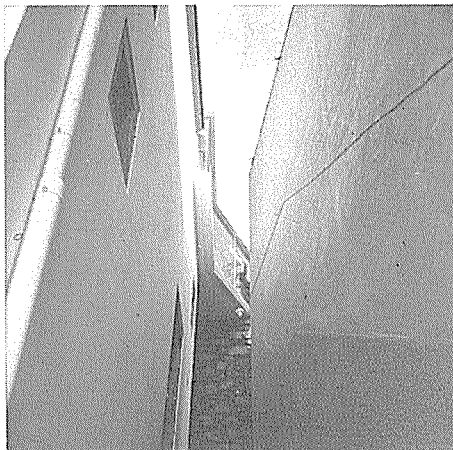


O TRIFEIRO



ESCOLA DO FORNO VELHO
(FOTO DE MANUEL MAGALHÃES)

S U M Á R I O

- 162** ESCOLA DO FORNO VELHO
por J. Teixeira de Sousa/J. Carlos de Sousa/J. Luís Torres e Maria Isabel Pinto Osório/António Manuel S. P. Silva
- 166** FORNO VELHO:
JUNTO AO RIO E À MURALHA, ENTRE O BURGO MEDIEVO E A CIDADE INDUSTRIAL
por José A. Rio Fernandes
- 169** A GEOGRAFIA DO COMÉRCIO PORTUENSE NOS FINAIS DO SÉCULO XVIII II - PARCEIROS, PRODUTOS E CAPITALIS
por Francisco Ribeiro da Silva
- 177** SANTO ANTÓNIO DE PORTUGAL
por Estevão Samagaio
- 179** RELAÇÕES INTER-CONFESSIONAIS NO PORTO: UM CASAMENTO NUMA LANCHA INGLESA [SUBSÍDIOS DOCUMENTAIS DA ÉPOCA DO TRATADO DE METHUEN]
por Pedro Vilas Boas Tavares
- 189** A HISTÓRIA DO SUBMARINO U 1277
por Rui Pinto
- 193** A ESCOLA DE HOTELARIA E TURISMO DO PORTO: E O SEU FUTURO INCERTO!
por António Moniz (Palme)
- 197** OS TROVADORES E A REGIÃO DO PORTO I - EN DOIRO, ANTR' O PORTO E GAIA...
por José Carlos Ribeiro Miranda
- 201** CAMILO - JORNALISTA LITERÁRIO
por Alfredo Ribeiro dos Santos
- 205** A QUINTA DA GRACEIRA E O SEU ENCANTO NATURAL
por Joaquim Costa Gomes
- 209** VIDA CULTURAL
- 221** ACONTECEU HÁ 50 ANOS

PROPRIEDADE: ASSOCIAÇÃO COMERCIAL DO PORTO

SEDE: Palácio da Bolsa • R. Ferreira Borges
Telef. 2002720 • 4000 Porto

ADMINISTRAÇÃO: Eng. Vergílio Folhadela Moreira (Presidente)
Eng. Francisco de Almeida e Sousa (Administrador)
João Ruy Ribas dos Santos (Administrador)

DIRECÇÃO: Dr. F. Almeida Conde (Director)
Dr. A. Canedo (Director Adjunto)

COORDENAÇÃO GERAL: Dra. Maria do Pilar Garcia
José Leão

Depósito Legal n.º 11457/86 • Registo na D.G.C.S. n.º 107643

Revista Mensal • Preço: 1.500\$00 • Assinatura Anual: 7.500\$00

EXECUÇÃO GRÁFICA: UNIARTE GRÁFICA • PORTO

TIRAGEM: 5000 EXEMPLARES

7.ª SÉRIE • ANO XIV • NÚMEROS 6-7 • JUNHO/JULHO 1995

**1 — A LIGAÇÃO ESTRUTURAL
AO ALTO DOURO E AO BRASIL.**

O Brasil e a prosperidade comercial do Porto

Quando falamos em geografia do comércio português temos em mente o duplo movimento de compra

e venda. Dificilmente alguma cidade prosperava se se limitasse a comprar produtos aos países estrangeiros sem nada oferecer em troca. O Porto, assumindo a sua vocação de entreposto comercial, não foi excepção.

Não produzindo a cidade nem o seu Termo artigos agrícolas susceptíveis de exportação, socorreu-se naturalmente de lugares onde os havia, estabelecendo com eles relações de largo alcance que excederam as puramente comerciais. Esses lugares eram principalmente o Alto Douro desde tempos muito recuados e depois o Brasil. Sem tais ligações seculares, a cidade do Porto poderia ser rotulada de muitos atributos mas não certamente o de cidade de mercadores.

**A GEOGRAFIA
DO COMÉRCIO PORTUENSE
NOS FINAIS DO SÉCULO XVIII**

II - Parceiros, Produtos e Capitais

O Brasil, para além de excelente mercado para os produtos europeus, fornecia bens e matérias primas muito apreciadas deste lado do mundo.

Os códices que nos servem de suporte (e que pudemos microfilmear na Torre do Tombo graças ao

apoio do Centro de Estudos Norte de Portugal — Aquilânica (CENPA)) indicam-nos clara e minuciosamente todos os produtos que, vindos da América, foram registados na Alfândega do Porto em 1788, 1789 e 1791. Que produtos?

Como esclarecemos no artigo anterior, a cidade do Porto mantinha relações comerciais autónomas com cinco zonas do Brasil, a saber: Rio de Janeiro, São Salvador da Baía, Pernambuco, São Luís do Maranhão e Belém do Pará. Se há mercadorias que são comuns a várias, cada uma possuía as suas especificidades, como poderemos verificar a partir da seguinte relação, que abrange o triénio acima indicado.

Rio de Janeiro

Artigo	Quantidade	Preço Médio	Valor (com Impostos)
açúcar branco	413.679 arrobas	2\$100	873.397\$200
açúcar mascavado	89.724 arrobas	1\$600	144.435\$600
aguardente	5.246 almudes	3\$600	18.885\$600
algodão	231.936 arráteis	\$250	54.042\$760
arroz	56.424 quintais	\$920	50.555\$040
café	273,5 quintais	30\$360	8.251\$080
couçoeiras de jacarandá	3.414	6\$400	21.849\$600
couros atnados	13.318	3\$600	47.944\$800
couros em cabelo	27.666	3\$200	88.531\$200
goma	44.082 arrobas	1\$200	47.944\$800
sola ordinária	6.627	1\$900	12.591\$300
sola pequena	11.389	1\$900	21.658\$100

Outros produtos de menor peso na balança comercial: abanos de palhinha, almacega, anil, azeite de peixe, bilros, cabelo de boi, cacau, cera amarela, cera branca, cipó, cobre velho, cochenilha, coquinhos de bálsamo, couçoeiras de vinhático, couçoeiras de cor, cola, doce, farinha, gengibre, melaço, pau amarelo, pau de jacarandá, peles de onça, pontas de boi, samarindos, socatre, unto, taboado de tapinhoão, varas para ramadas.

São Salvador da Baía

Artigo	Quantidade	Preço Médio	Valor (com Impostos)
açúcar branco	279.718 arrobas	2\$100	612.922\$800
açúcar mascavado	192.012 arrobas	2\$100	329.608\$800
aguardente	1.585 almudes	3\$600	5.706\$000
algodão	14.170 arratéis	\$250	3.542\$500
coquilho	1.255,5 milheiros	3\$400	4.276\$900
couçoeiras de jacarandá	594	6\$400	3.801\$600
couros em cabelo	15.912	3\$200	50.918\$400
sola ordinária	46.887 meias	1\$900	89.085\$300
sola pequena	12.544 meias	1\$900	23.833\$600

Outros produtos: arroz, azeite de peixe, café, cera amarela, cipó, coquinhos de bálsamo, couçoeiras de vinhático, couçoeiras de cor, doce, estopa, giz, goma, melação, paus de jacarandá, paus de Sebastião d'Arruda, peles de cabra, peles de veado, pontas de boi, taboado, ticum, unto, varas para ramadas, vigas.

Pernambuco

Artigo	Quantidade	Preço Médio	Valor (com Impostos)
açúcar branco	216.592 arrobas	2\$130	443.317\$935
açúcar mascavado	15.929 arrobas	1\$600	26.348\$000
algodão	573.601 arratéis	\$240	140.837\$920
couros atados	868	3\$600	3.124\$800
couros em cabelo	2.480	3\$200	7.936\$000
sola ordinária	54.614	1\$900	103.766\$600
sola pequena	13.349	1\$900	25.363\$100

Outros produtos: aguardente, arroz, bilros, cera amarela, cabelo de boi, couçoeiras de vinhático, couçoeiras de cor, doce, farinha, goma, melação, peles de veado, peles de onça, pontas de boi, tamarindos, ticum, varas para ramadas.

Maranhão

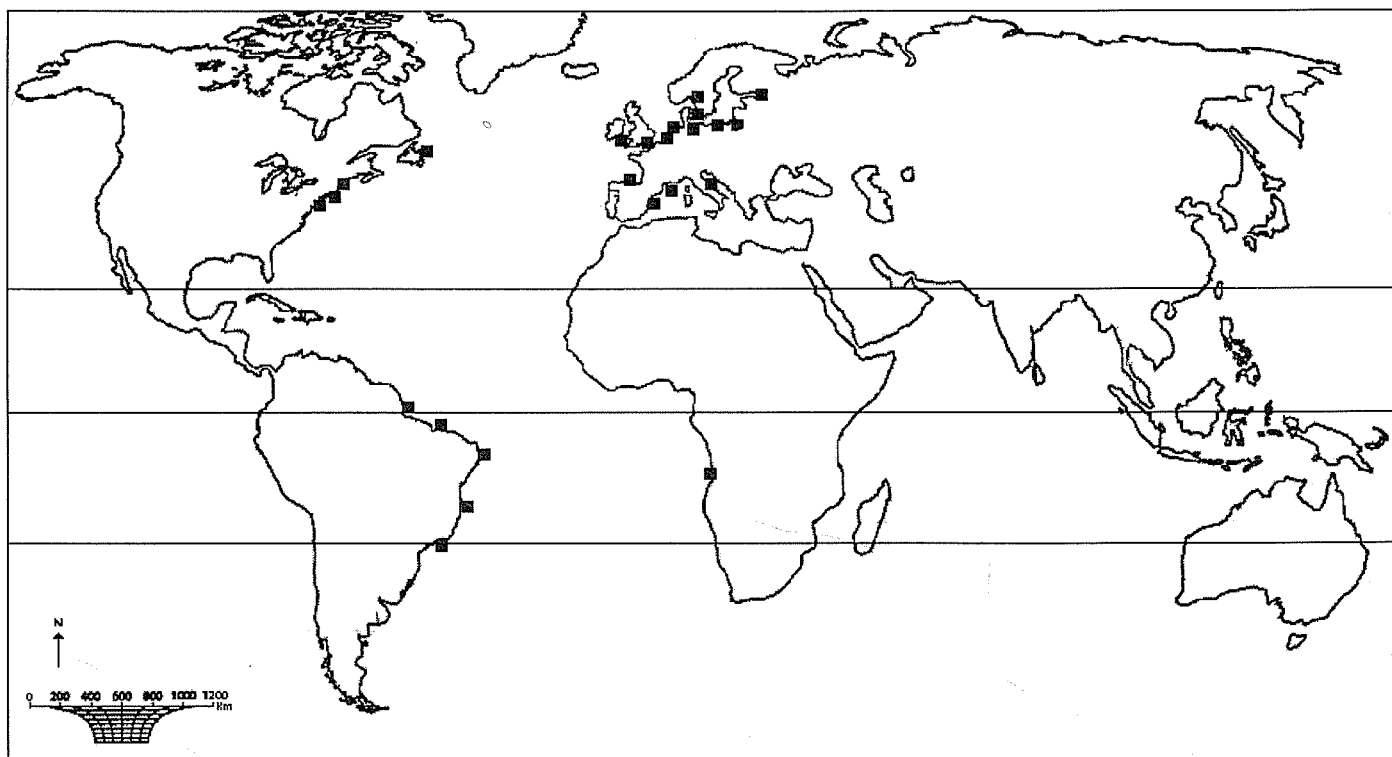
Artigo	Quantidade	Preço Médio	Valor (com Impostos)
algodão	289.966 arratéis	\$250	72.491\$500
arroz	20.230 arrobas	\$920	18.611\$600

Outros produtos: cacau, café, couros em cabelo, gengibre, goma, pontas de boi, sola pequena e varas para ramadas.

Pará

Artigo	Quantidade	Preço Médio	Valor (com Impostos)
algodão	53.888 arratéis	\$250	14.655\$320
arroz	15.125 arrobas	\$920	14.088\$280
cacau	11.402 arrobas	4\$800	54.729\$600
café	241 quintais	30\$000	7.230\$000
couros em cabelo	2.179	3\$200	6.972\$800
salsa parrilha	633 arrobas	12\$000	7.596\$000

Outros produtos: borrachinhas, couçoeiras de vinhático, couçoeiras de jacarandá, cravo, goma, goma satubá, óleo de copaíba, pau de jacarandá, pontas de boi, tapioca, varas para ramadas.



PORTOS E PAÍSES COM RELAÇÕES COMERCIAIS COM O PORTO NOS FINAIS DO SÉC. XVIII

E tabaco, não consta? De facto, contrariamente ao que em tempos observamos para o século XVII⁽¹⁾ não há aqui referências a tal produto. A explicação é-nos dada por Rebelo da Costa: o tabaco, o ouro e os diamantes eram embarcados directamente para Lisboa, vindo daí uma parte para o Porto. (*Descrição Topográfica...* p. 269).

Importar do Brasil para revender na Europa

O açúcar (branco e mascavado) era o principal produto que o Brasil (entenda-se Rio de Janeiro, Baía e Pernambuco) fornecia ao Porto: um total de 1.207.654 arrobas: cerca de 17.738 toneladas⁽²⁾. Como tal merecia a honra de ser registado à parte nos papéis da Alfândega. No conjunto dos três anos aqui considerados, o açúcar na sua dupla qualidade de branco e mascavado, atingiu 66,5% do valor das mercadorias que, provenientes da colónia sul-americana, chegaram ao Porto. Se preferirmos dados parciais, diremos que 67,7% do valor dos artigos remetidos do Rio, 82,9% dos da Baía e 62,6% dos de Pernambuco eram açúcar.

Importando-se a média anual de quase 5.913 toneladas, que é que se fazia a tanta doçura?

Uma parte era consumida localmente. Outra era vendida a diversos lugares e portos do Reino, cujas quantidades, de momento, não nos é possível precisar. Mas dispomos dos registos sobre a porção leonina que era reexportada pela Alfândega do Porto para a Europa: no

conjunto dos três anos, foram exportadas 12.638 toneladas, ou seja, 71,2%, perfazendo a média anual de 4.212,6 toneladas.

O melhor cliente era Hamburgo que comprou a quantidade de 11.765 toneladas, ou seja, mais de 93% do total e uma média anual de 3.921 toneladas. Os outros compradores foram a Rússia (506 toneladas e 4%), Génova (271,6 toneladas e 2,1%), a Holanda (83,7 toneladas e 0,65%) e a Espanha (3,3 toneladas e 0,026%). Mas o açúcar não era obviamente o único produto brasileiro a ser reexportado pelo Porto. O algodão interessava à Irlanda e à Holanda, episodicamente à Rússia e a Génova mas o principal comprador era a Inglaterra que à sua conta levou 33.618 arrobas (493,7 toneladas) equivalente a 89% do total de exportações desta mercadoria. Pelas nossas contas, não ficaria no Porto e no Reino quase nada desta importante matéria prima. Os produtos pecuários tais como couros em cabelo e os couros atanados e as pontas de boi eram comprados em quantidades importantes pela Holanda mas também por Hamburgo e Génova. Diga-se, no entanto, que a maior parte dos couros do Brasil (mais de 80%) bem como as muitas solas que de lá vinham anualmente eram consumidos no Reino.

A Holanda importava abundância de coquilhos e de pacaconha e em competição com Hamburgo e com Génova comprava especiarias e plantas da rica flora americana como cravo, salsaparrilha. A Inglaterra com-

prava cipó com regularidade. À Inglaterra interessava igualmente o **óleo de copaíba** bem como à Holanda e a Génova. Espanha adquiria **arroz, café e cacau** em pequenas quantidades. As **madeiras** (pau amarelo, pau de Sebastião Arruda) eram levadas pela Holanda e episodicamente pela Rússia.

Brasil: um bom mercado?

Além de fornecedora de produtos e de matérias primas agrícolas e florestais, a colónia sul-americana oferecia boas perspectivas de mercado. Infelizmente a nossa fonte é muito parca em informações acerca das mercadorias que se exportavam para o Brasil. Apenas dois produtos são mencionados:

em 1791 para lá foram embarcadas 1330 pipas de vinho (longe das 3 a 4.000 que segundo o Pe. Rebelo da Costa se expediam anualmente) cujo valor foi calculado em 60.239\$250. Do mesmo modo, se remeteram 15.734.263 varas de pano de linho no valor de 4.090.908\$380.

Todavia, graças às informações do Autor citado (p. 271) podemos afirmar que o Brasil constituía efectivamente um excelente mercado não só para escoamento de produtos nacionais bem como para revenda de artigos importados dos países europeus. Eis a lista dos produtos em circulação: — panos de variada espécie, tais como sedas, lãs, chitas, muitos dos quais tecidos nas fábricas do Porto e da Covilhã;

- linhas, botões, fitas, galões, estopa e fustões;
- milhares de dúzias de peças de louça das fábricas portuenses;
- azeite;
- chapéus;
- pregos e ferragens diversas.

O contributo do Alto Douro

Escrevemos algures que o Porto e o Alto Douro estabeleceram entre si relações históricas de complementaridade. A geografia impunha-o. Tão simples como isto: num lado produzia-se. No outro, exportava-se. E o rio era a estrada natural.

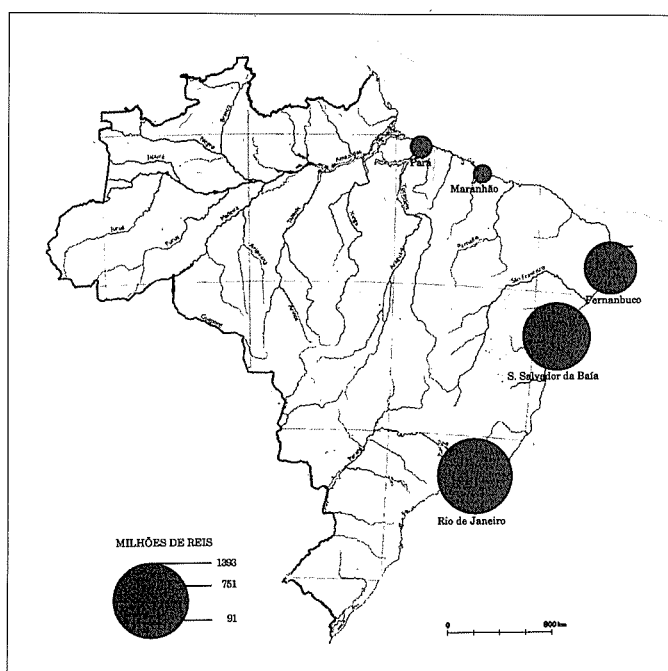
Do Douro vinham-lhe o sumagre, as frutas variadas, especialmente os citrinos, o azeite e sobretudo o vinho que era, de longe, o produto de exportação por excelência. Nem o açúcar lhe chegava.

2 — VOCAÇÃO EUROPEIA OU ATRACÇÃO PELO LONGÍNQUO?

Ao apresentarmos, no artigo anterior, a contagem, a procedência e o destino dos navios que passavam a barra do Douro, apontamos o conjunto das nações ou cidades europeias com as quais a nossa cidade manteve negócios e, que, por isso mesmo, podem ser chamadas de parceiros comerciais. A lista não é longa e engloba a Inglaterra, os Países-Baixos, a França, a Espanha, a Irlanda, os Estados Unidos, a Suécia, a Rússia, a Dinamarca, as cidades de Hamburgo, Bremen, Lübeck, Stettin, Dantzig, Génova. Se compararmos com o elenco dos parceiros de Lisboa, e exceptuando Marrocos, esta é sensivelmente igual⁽³⁾.

Mas como seria de esperar, o volume das transacções com os diversos parceiros está longe de ser homogéneo. A Inglaterra ocupa invariavelmente o primeiro lugar quer como fornecedor quer como cliente. (Nos três anos documentados, as nossas compras atingiram a notável cifra de 4.534.134\$485 contra 5.536.947\$953 de vendas. Neste caso, a balança comercial mostra-se claramente favorável ao Porto, mas normalmente não era assim).

O segundo lugar na lista dos fornecedores é ocupado pela Rússia que facturou quase 2.000 contos de reis (precisamente 1.856.909\$049) logo seguida de Hamburgo, da Holanda, dos Estados Unidos e da França.



VALOR DAS EXPORTAÇÕES DOS PORTOS DO BRASIL ENTRADAS PELA BARRA DO DOURO EM 1788, 1789 E 1791

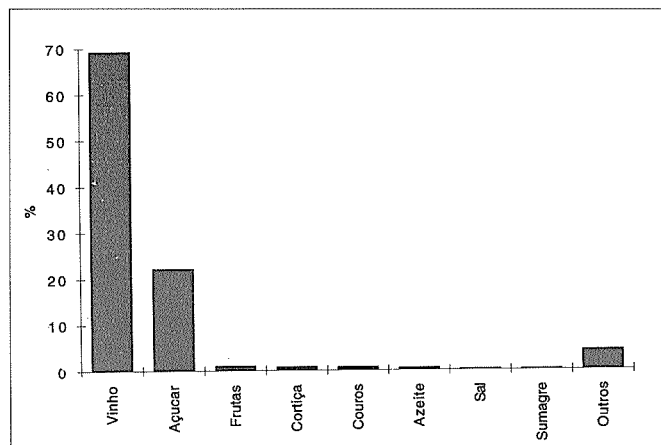
Mas no elenco dos compradores o país da Czarina Catarina II não passa do 4.º lugar (265.982\$180), depois de Hamburgo e da Irlanda e seguido de Génova, Holanda e dos Estados Unidos. Os países mais próximos, como a Espanha, a França e a Itália, não sendo ausentes, pouco contam. Os parceiros do Porto situavam-se mais longe. Daí a pergunta: vocação europeia ou sedução das lonjuras?

Mas o que é que se comprava e vendia?

Exportações

Quanto às exportações de artigos ultramarinos, dissemos acima o suficiente. Mas o Porto podia oferecer outras mercadorias interessantes para os estrangeiros! A primeira era obviamente o **vinho**, principalmente o vinho do Porto. E aqui mais uma vez a Inglaterra ocupava o primeiríssimo lugar: 107.507,5 pipas num total de 126.304,5 exportadas (85,1%). O segundo pertencia à Irlanda: 18.124 pipas; a seguir a Rússia com 5.697 pipas, mais de vinhos maduros do que de vinho do Porto! No conjunto, os vinhos exportados neste triénio, incluindo as despesas de embarque, valeram para cima de 6 mil contos de reis, três vezes mais do que o prémio do açúcar vendido.

O **sumagre** era outro produto duriense procurado por mercadores de fora. Devemos aqui repetir o que temos afirmado noutras oportunidades: o produto duriense que mais interessou os estrangeiros nos fins da Idade Média e durante o século XVI e parte do século XVII foi o sumagre, pó indispensável para a «indústria» dos curtumes e para a tinturaria. Secas em eiras as folhas e partes tenras do caule da planta do mesmo nome, eram moídas e reduzidas a pó em atafonas apropriadas, pó embarcado para o Porto, sendo aqui disputado pelos sapateiros e surradores autóctones e pelos mercadores. Nos fins do século XVIII, embora constando sempre das listas de produtos exportados, deixara de pesar como outrora na balança comercial. Embora as exportações diminuíssem de ano para ano, não seria ainda um produto despiciendo. De facto, nos três anos foram embarcadas para o Norte 65.893 arrobas cujo valor atingia 22.403\$620 — cerca de 0,26% do total das exportações. O principal cliente era a Holanda, seguida da Inglaterra, da França, de Hamburgo e da Irlanda. Devemos acrescentar que outra parte era embarcada para o Brasil e para outros portos do Reino.



PRODUTOS EXPORTADOS PELA BARRA DO DOURO EM 1788, 1789 E 1791

Em lugar ligeiramente mais favorável que o sumagre situava-se um outro produto tradicional: o **sal**. As exportações atingiram 492 milheiros cujo valor foi calculado em 23.044\$740. Curiosamente em 1788 a avaliação do milheiro de sal estava nos 76\$000, baixou para 72\$000 em 1789 e para 36\$000 em 1791. Os clientes eram a Grã-Bretanha, a Irlanda, a Rússia, a Suécia, os Estados Unidos e a Holanda.

Maior peso adquiria progressivamente a **fruta** cujo melhor cliente era a Inglaterra. Pode-se dizer, no entanto, que este era um produto que todos os países compravam, não admirando, por isso, que atingisse o valor total de 95.885\$671 (1,1% do conjunto), acima da **cortiça** (74.191\$424 — 0,87%) e do **azeite** — 47.204\$160 (0,55%). Em rigor, a factura da fruta devia ser acrescentada dos frutos secos que o contabilista inscreve espécie a espécie.

Os nossos clientes da cortiça eram poucos mas fiéis: Inglaterra e Rússia. A Irlanda e os Estados Unidos também aparecem no elenco. No conjunto compraram 29.383 quintais, numa média anual bem acima dos 5.000 registados por Rebelo da Costa para 1786. Quanto a rolhas — 1682 grosas no total — foram compradas pela Grã-Bretanha e uma pequena porção (12 grosas) pela Rússia.

No concernente ao azeite, embora em 1788 quase todos os parceiros comprassem alguma quantidade, no total do triénio não se registaram mais que 15.134 almudes — números que se situam muito abaixo das 5.000 pipas apontadas por Rebelo da Costa para o dito ano de 1786.

Os outros artigos que pelos valores envolvidos merecem algum destaque são o sarro, a baga e a folha de loureiro e, no sector das manufacturas, os chapéus e os panos de linho exportados para Espanha.

Para além disso, embora de menor valor em termos de balança comercial, parece importante deixar aqui notícia exaustiva de todos os artigos registados nos documentos alfandegários: aletria, ameixas, amêndoas, arcos de pau, canas, canelão, cascas de laranja, castanhas, cebolas, chá, figos, garrafas, melaço, nozes, passas, presuntos, sebo, sidrão, sumo de limão, tripas.

Importações

O quadro descritivo das importações é bem mais variado que o das exportações. Não chegaria o espaço desta Revista para elencar os produtos por quantidades e países. Por isso, agruparemos as importações por mercadorias afins, indicando os países fornecedores e respectiva avaliação.

No conjunto, a importação de produtos alimentares significou 25,7% na globalidade dos 3 anos aqui considerados. Mas se considerarmos apenas o ano de 1791, o valor ascende a 35,9%!

Voltando ao triénio, uma parte substancial (nada menos que 15% do conjunto e 58,5% dos géneros alimentares) pertence ao bacalhau, exportado exclusivamente por ingleses e comercializado no Porto por firmas britânicas em maioria. Se toda a importação fosse consumida na cidade, tomando como referência as 74.089 pessoas que nela residiam ou nela faziam as suas compras (Rebello da Costa, p. 77) cada uma consumiria a média de 86 Kg. por ano⁽⁴⁾. Mas como dissemos acima, a cidade do Porto era um entreposto comercial e, por isso, uma porção substancial (que não podemos precisar) era vendida para fora, inclusive para o Brasil.

Os cereais, constituindo uma fatia considerável, ficam um pouco abaixo: 10% do conjunto e 39% da verba para alimentos. Os fornecedores eram a Inglaterra, a Irlanda, a Holanda, os Estados Unidos, a Dinamarca, a França e as cidades de Hamburgo e Dantzig. Mas não pensemos que o Porto se abastecia de pão exclusivamente no estrangeiro. Em 1791 chegaram-lhe dos portos do Reino 110.297 alqueires, a saber: de milho (93,1%), de trigo (5,1%), de centeio (1,58%), de cevada (0,13%) e ainda 232 alqueires de farinha.

A batata vinha da Irlanda com excepção de uma pequena carga da Inglaterra (240 alqueires); aí nos forneciam também a manteiga. Mas o queijo procedia da Inglaterra e da Holanda. Dos mesmos Países-Baixos foi trazida ainda uma pequena quantidade de óleo e de unto.

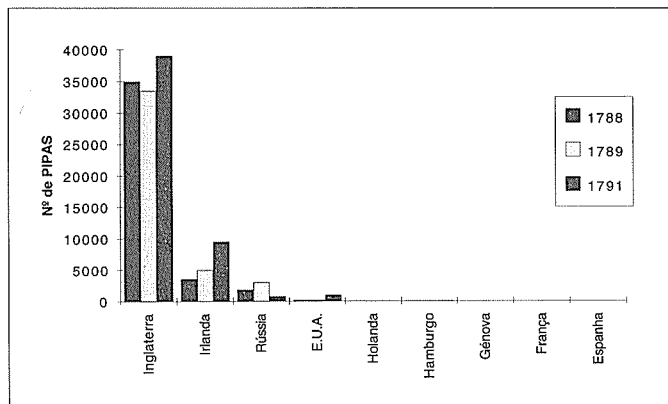
Tecidos e panos diversos

Chegados a este ponto do artigo, tornando-se impossível e inadequado às características desta Revista a pormenorização que a documentação nos facultava e que utilizaremos noutras circunstâncias, limitar-nos-emos agora a referir os artigos dominantes que o Porto comprava a cada um dos países. Assim, da Inglaterra, para além dos alimentos, vinham tecidos e panos diversos, cujo valor, em 1791, atingiu 52,8% do total das importações provenientes daquele país. Se pensarmos que os produtos alimentares preencheram 40,9%, restam uns 6,3% de artigos muito variados mas de peso menor na balança comercial.

Talvez valha a pena especificar em lista corrida os diferentes panos e declarar desde já que no seu conjunto perfizeram 1.875.002 côvados — equivalente

Produtos Alimentares

Artigo	Quantidade	Preço Médio	Valor
bacalhau	325.529 quintais	4\$335	1.409.296\$728
queijos vários	16.440 arrobas	2\$155	33.074\$019
manteiga	248.828 arratéis	\$120	18.723\$664
batata	10.393 alqueires	\$222	2.019\$160
trigo	705.636 alqueires	\$700	482.602\$000
centeio	61.842 alqueires	\$333	23.469\$920
milho	1.188.019 alqueires	\$360	427.686\$840
cevada	22.688 alqueires	\$290	6.471\$840
aveia	10.112 alqueires	\$260	3.140\$800
			<u>2.406.484\$971</u>



IMPORTADORES DE VINHO DO PORTO, EM FINAIS DO SÉC. XVIII

a 1.237.501 metros —⁽⁵⁾ e foram avaliados em 686.905\$775. Eis o elenco dos tecidos e seus correlativos:

amens, baetas, baetilhas, baetões, barreganas, brim, camelão, casimira, cetim, droguete, durante, duraque, duquesa, estamenha, estofa seda cavalo, fitas de lã, fitas de lã e linho, fitas de linho, filete, holandas, holandilhas, lã fina, lã de ovelha, lilas, lonas, melania, pano fino, pano grosso (122.890 metros), retina, saeta, serafina, sarja, silésia, triple.

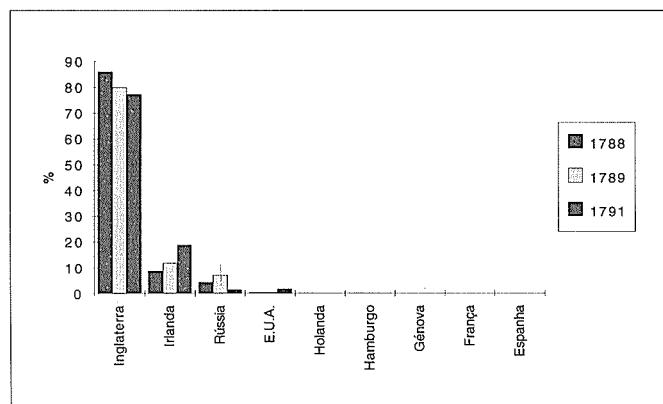
Os linhos e aduelas

O segundo fornecedor de bens ao Porto, a Rússia vendeu-nos principalmente linho: linho porquinho, linho em feixes, linho em sacos, linho cânhamo. No conjunto, em 1791, foram 71.779 quintais no valor de 709.522\$082 — 94, 3% dos produtos que vieram daquelas paragens. Os linhos da Holanda e de Hamburgo (2.094 qt.) fazem figura muito modesta. Aduelas para as tanoarias vieram de Stettin, mas também dos Estados Unidos, de Hamburgo e da Irlanda.

Ferros e metais

A Holanda, para além das drogas, destacava-se na venda de ferro e de artefactos de ferro e de outros metais: armamento, cutelarias, arames, pregos, cobre em pasta e latão custaram 166.890\$236 — o que significa 64,2% dos artigos holandeses em 1791. Mas a Espanha e a Suécia faziam-lhe concorrência no ferro, tal como Hamburgo no cobre. Aliás, a lista dos produtos vendidos por Hamburgo é tão variada que não resistimos à sua designação sumária:

água da rainha da Hungria, ampulhetas, brincos para crianças, cadilhos, canotilho, espelhos de algibeira, es-



IMPORTADORES DE VINHO DO PORTO, EM FINAIS DO SÉC. XVIII (TOTAL DE PIPAS EM CADA ANO = 100)

tampas, flautas e fagotes, folhas para catanas e espadins, fusis, incenso, lacre, lâminas, luvas, mapas, moínhos para café, óculos, paliteiros, papel de escrever, peles, rabecas, relógios de areia, sacras, talheres, trombetas e trompas, vidros diversos.

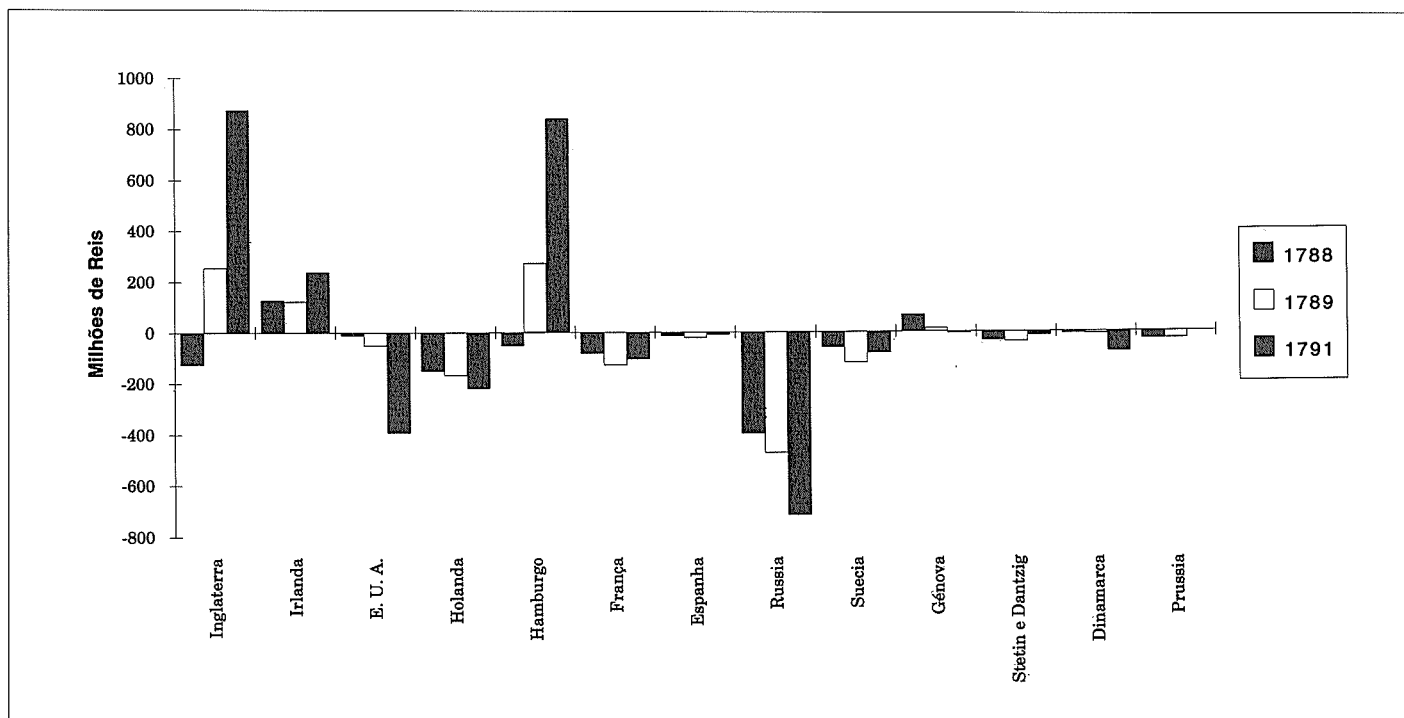
Aliás, no respeitante a objectos utilitários apenas a Inglaterra batia Hamburgo. Eis uma pequena amostra: balancinhas para ourives, estojo para matemáticos, estojos para relógios, pratos de estanho, fechaduras, ferros para o cabelo, ferros para engomar, ferros para plainas, folles de mão, grades, martelos, navalhas, óculos de mola, papel pintado, parafusos, sinetes, etc.

Conclusão

A ligação à Europa e ao Brasil não esgotava os caminhos do comércio portuense. Uma componente forte dirigia-se aos diversos portos do Reino, sem excluir Lisboa. A prosperidade das firmas portuenses não passava sem esse canal.

Os parceiros europeus do Porto eram naturalmente mais importantes e diversificados; mas se pensarmos que três deles (Inglaterra, Rússia e Hamburgo) nos vendiam 76% do valor das importações e que esses mesmos absorviam 89% das exportações, então o quadro dos parceiros comerciais apresenta-se dramaticamente reduzido. Terá essa circunstância pesado na definição da idiosincracia do Porto em termos de ausência de cosmopolitismo, por comparação com outras cidades porventura mais abertas?

Do mesmo modo, se atentarmos em que as exportações do Porto se centravam no vinho e no açúcar, produtos que lhe vinham de fora, não significará isso uma economia extremamente sensível às flutuações conjunturais e, por conseguinte, demasiado vulnerável e dependente?



RESULTADOS DA BALANÇA COMERCIAL DO PORTO EM FINAIS DO SÉC. XVIII

O potencial económico da cidade aparentemente centrava-se no dinamismo do comércio internacional, aliás em grande parte na mão de estrangeiros.

Mas o futuro, a nosso ver, estava nas «fábricas» que abasteciam de artefactos o norte e carregavam as naus do Brasil.

FRANCISCO
RIBEIRO
DA SILVA

NOTAS

(1) Ver a nossa tese de doutoramento *O Porto e o seu Termo (1580-1640). Os Homens, as Instituições e o Poder*, 2 vols., Porto, Arquivo Histórico Municipal, 1988.

(2) A arroba equivalia a 32 arráteis (cada arrátel equivalia a

459 gramas) e a 14, 688 kg. de acordo com os autores mais credenciados. Ver J. E. Coelho Gusmão *Taboada com a redução das medidas antigas às modernas pelo mais facil systema*, Lisboa, 1861.

(3) Ver Serrão, Joaquim Veríssimo, *História de Portugal*, vol. VI, Lisboa, 1982, p. 429.

(4) De acordo com os dados fornecidos por Gusmão, J. E. Coelho, *Taboada...*, p. 9, fizemos corresponder 1 quintal a 58,752 Kgs.

(5) Segundo Gusmão, *o.c.*, p. 15, o côvado era igual a 3 palmos e a 66 cm.

* Agradecemos ao Dr. Mário Fernandes e ao Prof. Luís Paulo Saldanha, do Instituto de Geografia da F.L.U.P. a feitura dos gráficos aqui apresentados.